ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

O PALCO VIRTUAL
© 2003, Luiz Francisco Rebello

Capa e Direcção Gráfica
Armando Alves

Composição
Ana Ferreira

Impressão e Acabamentos
GRAFIASA, S.A.

1ª edição: Setembro de 2004
Depósito legal nº 192 909/03
ISBN 972-41-3336-2
Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE
Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1
Telef.: 22 6166030 • Fax: 22 6155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Horta dos Bacelos, Lote 1
Telef.: 21 9533800/09/90/99
Fax: 21 9568051
2695-390 SANTA IRIA DA AZÓIA
PORTUGAL

ENSAIO

Luiz Francisco Rebello

O PALCO VIRTUAL

EDIÇÕES ASA

Índice

9 **Prólogo**

Textos e autores

15 Uma leitura plural do *Frei Luís de Sousa*
25 Drama, comédia e farsa no Teatro de Camilo
40 Um parêntesis na obra de Jaime Cortesão
45 Uma clarabóia na obra de Aquilino
53 Encontros de Ferreira de Castro com o Teatro
57 Régio, a "presença" e o Teatro
61 Teoria e *praxis* do Teatro em José Régio
68 O Teatro na obra de Torga
74 Evocação de Alves Redol, Dramaturgo
76 Uma tragédia sobreposta (*O Indesejado*, de Jorge de Sena)
80 O "veio estrutural" de Carlos Wallenstein
84 David, Autor dramático
88 Jogos de Tempos
91 Saramago: Teatro, Tempo e História
100 Alegoria, Mistério, Melodrama e Tragicomédia: o Teatro de Mário Cláudio
104 Tempo de novela e tempo de teatro na obra de Urbano Tavares Rodrigues
107 40 + 4, Soma e Segue
110 Uma história que parece de cordel (mas não é)
112 O Jogo do Teatro e da Vida

Tempos, lugares e modos da representação

117 A tragédia em Portugal antes do *Frei Luís de Sousa*
132 Da Arcádia ao advento do Romantismo
137 Do Romantismo ao Simbolismo
145 Vestígios do Expressionismo na Dramaturgia Portuguesa
154 Surrealismo (ou não) no Teatro Português
160 Para a História do Estúdio de Salitre

170 Panorama de (mais ou menos) um Século
170 I – 1900-1940
182 II – Os Anos 40
206 III – Os Anos 50
217 IV – 20 Anos de Dramaturgia Portuguesa (1974-1994)
221 Sobre espaços teatrais

Evocações Breves

227 Na morte de Eduardo Scarlatti
229 Da modelar infidelidade aos modelos
232 Quatro actores: Alves da Cunha, António Silva, Erico Braga, Mário Viegas

Final Jocoso

249 Um Congresso que dançava

UM PARÊNTESIS NA OBRA DE JAIME CORTESÃO*

É praticamente inevitável que, ao estudar-se a personalidade e a obra de Jaime Cortesão, o seu comportamento cívico exemplar e os seus trabalhos de investigação (e interpretação) histórica tendam a relegar para segundo plano outros aspectos que, sendo porventura menos relevantes, estão no entanto muito longe de poder considerar-se despiciendos. Acrescente-se, no entanto, que em larga medida terá ele próprio contribuído para essa menor relevância (que aliás deve ser entendida em termos meramente relativos, por comparação com a restante parte da sua obra monumental), ao reduzir a sua produção puramente literária a uma escassa dezena de volumes, repartidos por vários géneros (a poesia, a crónica, o conto e o teatro) e concentrados no curto espaço de uma quinzena de anos (1909-1923), se abstrairmos de um "drama metafísico entre prosa e verso" publicado sob pseudónimo, em 1940. Não é, porém, a quantidade um factor que deva tomar-se em consideração em questões desta natureza; a história da literatura regista – e poderiam multiplicar-se os exemplos – nomes de autores que transpuseram os umbrais da imortalidade com uma, duas obras apenas...

Foi, de resto, pela literatura – e mais exactamente pela poesia – que, em 1909, Jaime Cortesão iniciou a sua actividade poligráfica: nesse ano, que precedeu o da implantação da República, de cujos destinos foi sempre solidário (lutando pelo seu advento, defendendo-a, exilando-se quando o fascismo a subverteu, batendo-se pela sua restauração), publicou ele o seu primeiro livro, o poema heróico *A Morte da Águia*, a que em 1914 se seguiu um outro volume de poesia, *Glória Humilde*, e entre um e outro deu à estampa uma colectânea de contos, *Daquém e Dalém Morte* (1913), sobre a qual paira um injusto esquecimento, não obstante conterem-se nela alguns dos nossos melhores textos de ficção narrativa de terror. Adicionem-se-lhes um livro de memórias sobre a Grande Guerra, em que participou como voluntário (e fora decisivo o seu papel no sentido da intervenção portuguesa) e um outro de impressões de viagem à Itália, publicados respectivamente em 1919 e 1921, um terceiro livro de poesias, *Divina Voluptuosidade* (1923), que seria o último do género a imprimir-se

(*) Prefácio à edição de *Teatro* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998), por sua vez refundição do texto incluído em *Fragmentos de uma Dramaturgia* (1994).

se, dezassete anos depois, em tempo de exílio, a "Seara Nova", de que havia sido um dos entusiásticos fundadores e colaborador assíduo, não houvesse editado, sob o pseudónimo de António Fróis, *A Missa da Meia-Noite* – e, enfim, as três peças de teatro que escreveu e se representaram entre 1916 e 1921, e neste volume se recolhem.

Ao reeditar, precisamente no ano da sua morte (1960), a primeira dessas peças – o drama histórico em verso *O Infante de Sagres* –, aditou-lhe Jaime Cortesão um "prefácio a modo de Memórias" em que, muito significativamente, declara ter sido "acima de tudo, um poeta de acção, pronto sempre a exaltar o homem heróico e a transformar, por esse modelo, a ideia em acto". Transformar a ideia em acto: não é porventura essa a própria essência do teatro? Decerto não por acaso, discerniu David Mourão-Ferreira, ao analisar a poesia de Cortesão, o "frémito dramático", gerador da "súbita mudança do leitor em espectador", que, sob determinados aspectos, a caracteriza. Aproximem-se aquela confissão e esta constatação: aí teremos a explicação da génese do seu teatro, e muito em especial do seu primeiro escrito nesse domínio, o qual corresponde – é também o autor a dizê-lo, e boa parte da crítica assim também o reconheceu aquando da estreia – ao "sentido pragmático da arte que desejava pôr ao serviço do ressurgimento de Portugal".

Que o drama histórico tem sido um flagelo que ciclicamente se abate sobre o nosso teatro, desde pelo menos o advento do romantismo (mas seria possível encontrar antecedentes nas duas gerações arcádicas, de Manuel de Figueiredo a Luís França Amaral), eis o que não pode sofrer contestação séria: os factos e as figuras do passado têm sido um manancial abundante para dramaturgos carecidos de imaginação, que julgam suficiente "achar quatro datas e seis nomes ilustres" para construir a fábula, esquecidos de que essas figuras e factos "foram o resultado e o resumo da situação social do País, e por ela somente se podem compreender, avaliar e explicar" – como já em 1842 Herculano lucidamente advertia sem que fosse entendido. Daí, o persistente equívoco do drama histórico entre nós, a que poucos lograram ficar imunes: o *Frei Luís de Sousa* de Garrett, o *D. Afonso VI* de D. João da Câmara, *Pedro o Cru* de António Patrício, *El-Rei Sebastião* de José Régio, *O Indesejado* de Jorge de Sena, *O Judeu* de Santareno, dramas em que a História é miticamente transposta e recriada sem quaisquer propósitos estéreis de reconstituição arqueológica, constituem excepções a uma vasta literatura de pacotilha, a que nem dramaturgos de pulso como Marcelino Mesquita e Alfredo Cortez souberam resistir, tão falsa quando recorre a uma linguagem pretensamente natural como ao extrair de velhas crónicas expressões e vocábulos caídos em desuso.